

MAPAS CONCEITUAIS: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA

LUIS MENDONÇA DA SILVA¹; LEONOR GULARTE SOLER ,EUSTÁQUIO ALVES DOS SANTOS,DENISE AMARO²; KELLIN VALEIRÃO³

¹UFPEL– lluismendonca@gmail.com

²UFPEL – leonorgulartesoler@gmail.com

³UFPEL– kpaliosa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal desse trabalho é apresentar o conceito de mapa conceitual e seu uso na Filosofia. Sendo assim, um mapa conceitual nada mais é do que diagramas indicando relações entre conceitos, ou entre palavras que usamos para representar conceitos. Embora normalmente tenham uma organização hierárquica e, muitas vezes, incluem setas, tais diagramas não devem ser confundidos com organogramas ou diagramas de fluxo, pois não implicam sequência, temporalidade ou direcionalidade, nem hierarquias organizacionais ou de poder. Mapas conceituais são diagramas de significados, de relações significativas; de hierarquias conceituais, se for o caso. Isso também os diferencia das redes semânticas que não necessariamente se organizam por níveis hierárquicos e não obrigatoriamente incluem apenas conceitos. Mapas conceituais também não devem ser confundidos com mapas mentais que são livres, associacionistas, não se ocupam de relações entre conceitos, incluem coisas que não são conceitos e não estão organizados hierarquicamente. Não devem, igualmente, ser confundidos com quadros sinópticos que são diagramas classificatórios. Mapas conceituais não buscam classificar conceitos, mas sim relacioná-los e hierarquizá-los.

A teoria que está por trás do mapeamento conceitual é a teoria cognitiva de aprendizagem de David Ausubel. Trata-se, no entanto, de uma técnica desenvolvida em meados da década de setenta por Joseph Novak e seus colaboradores na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. Ausubel nunca falou de mapas conceituais em sua teoria.

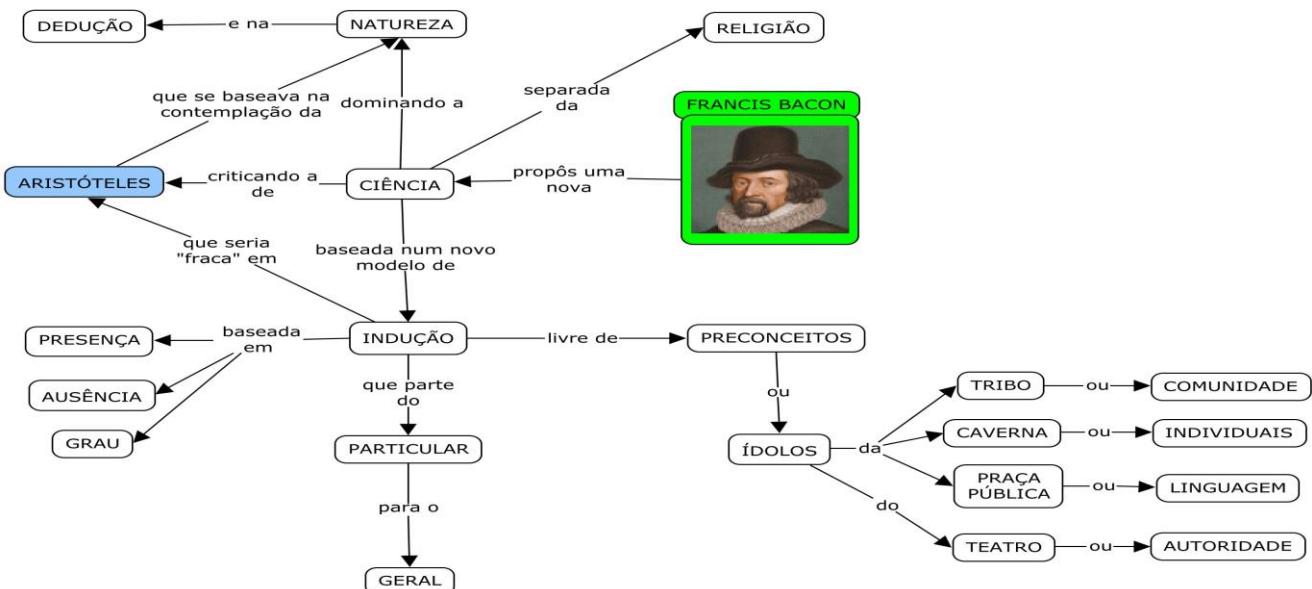
O conceito básico da teoria de Ausubel é o de aprendizagem significativa. A aprendizagem é dita significativa quando uma nova informação (conceito, ideia, proposição) adquire significados para o aprendiz através de uma espécie de ancoragem em aspectos relevantes da estrutura cognitiva preexistente do indivíduo, isto é, em conceitos, ideias, proposições já existentes em sua estrutura de conhecimentos (ou de significados) com determinado grau de clareza, estabilidade e diferenciação. Esses aspectos relevantes da estrutura cognitiva que servem de ancoradouro para a nova informação são chamados “subsunçores”. O termo ancorar, no entanto, apesar de útil como uma primeira ideia do que é aprendizagem significativa não dá uma imagem da dinâmica do processo. Na aprendizagem significativa há uma interação entre o novo conhecimento e o já existente, na qual ambos se modificam. À medida que o conhecimento prévio serve de base para a atribuição de significados à nova informação, ele também se modifica, ou seja, os subsunçores vão adquirindo novos significados, se tornando mais diferenciados, mais estáveis. Novos subsunçores vão se formando; subsunçores vão interagindo entre si. A estrutura cognitiva está constantemente se reestruturando durante a aprendizagem significativa. O processo é dinâmico; o conhecimento vai sendo construído.

2. METODOLOGIA

Após escolher qual filósofo trabalhar, passou-se à segunda etapa, que é a de colocar no centro a foto da pessoa em questão e a partir dela listar os conceitos-chave do conteúdo a ser mapeado, sendo que um número entre 6 (seis) e 10 (dez) é o ideal. Feito isso, passamos a ordenar os conceitos, colocando o(s) mais geral(is), mais inclusivo(s), no topo do mapa e, gradualmente, vamos agregando os demais até completar o diagrama. Setas podem ser usadas quando se quer dar um sentido a uma relação. No entanto, o uso de muitas setas acaba por transformar o mapa conceitual em um diagrama de fluxo. Exemplos podem ser agregados ao mapa, embaixo dos conceitos correspondentes. Em geral, os exemplos ficam na parte inferior do mapa.

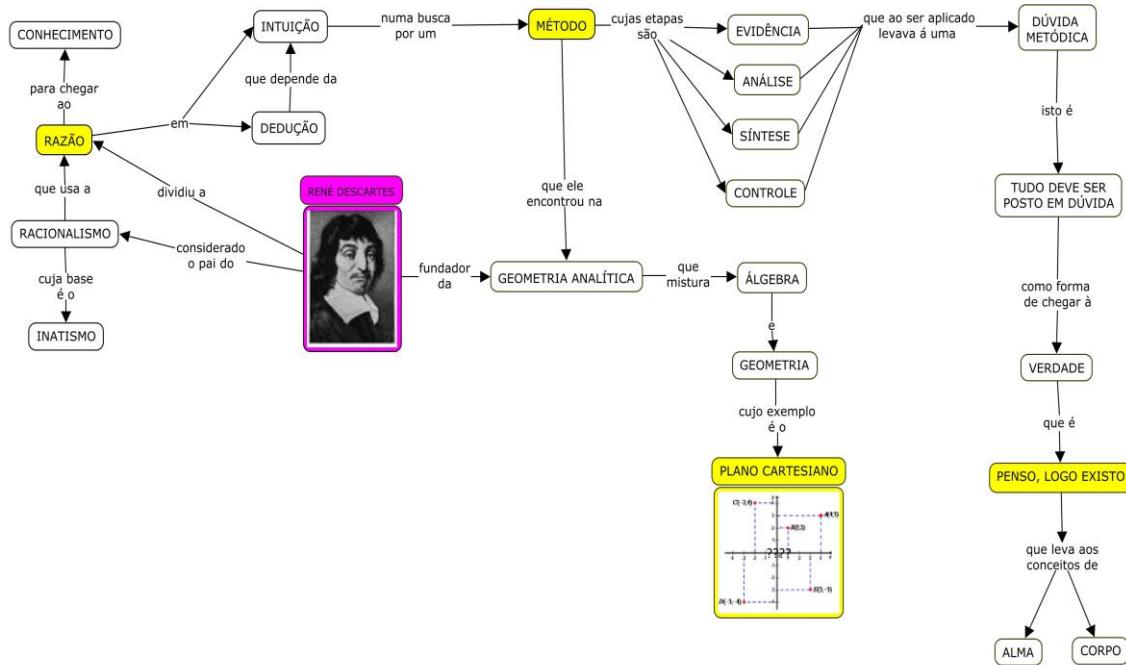
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho está sendo desenvolvido junto às turmas de estudantes do Pré-Vestibular Desafio, durante seus estudos para a realização da prova do ENEM do corrente ano. Os resultados alcançados justificaram a aplicação dos mapas, tornando os alunos mais receptivos à disciplina e aptos ao desenvolvimento do raciocínio rápido, contribuindo também para o aprendizado das outras disciplinas. Segue abaixo dois mapas como exemplo do trabalho que está sendo desenvolvido.



CORDÓN, J. M.; MARTÍNEZ, T. C. História da Filosofia: do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa, Edições 70, 1995
 REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: do Humanismo à Descartes (v.4). São Paulo, Paulus, 2005
 _____. (2011). O Livro da Filosofia. Trad. Sob a direção de Douglas Kim. São Paulo, Globo, 2011

FIGURA 1 – MAPA CONCEITUAL DE FRANCIS BACON



CORDÓN, J. M.; MARTÍNEZ, T. C. História da Filosofia: do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa, Edições 70, 1995.
 REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: do Humanismo à Descartes (v.4). São Paulo, Paulus, 2005
 (2011). O Livro da Filosofia , Trad. Sob a direção de Douglas Kim. São Paulo, Globo, 2011.

FIGURA 2 – MAPA CONCEITUAL DE RENÉ DESCARTES

4. CONCLUSÕES

Nos dias de hoje, a presença da mídia e das rápidas transformações da vida cotidiana, influenciam na forma de aprendizagem e na visão de mundo dos estudantes, afastando-os da consciência crítica necessária e transformadora. A utilização dos mapas conceituais na sala de aula estimula o aluno, motivando e despertando a curiosidade, condição que possibilita um aprendizado mais prazeroso.

Em nosso trabalho diário dentro das salas de aula, não há porque desprezar os novos métodos (re)descobertos no ensino da nossa disciplina, ainda que nem sempre usemos desta didática, já que a variação de metodologias deve ser um elemento presente num plano de ensino que não se queira enfadonho, mas estimulante, prazeroso, desafiador e crítico.

Sendo assim, mapas conceituais são instrumentos que podem levar a profundas modificações na maneira de ensinar, de avaliar e de aprender. Procuram promover a aprendizagem significativa e entram em choque com técnicas voltadas para aprendizagem mecânica. Utilizá-los em toda sua potencialidade implica atribuir novos significados aos conceitos de ensino, aprendizagem e avaliação.

Por isso mesmo, apesar de se encontrar trabalhos na literatura ainda nos anos setenta, até hoje o uso de mapas conceituais não se incorporou à rotina das salas de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, B. S. **A História da Filosofia.** São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- CIRNE-LIMA, C. **Dialética para principiantes.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- DURANT, W. **Platão.** In: **Coleção Os Grandes Filósofos.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1997
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GALLO, S. “**O problema e o conceito: em torno de um ‘método regressivo’ para o ensino de filosofia**”. In: **Coleção Filosofar É Preciso.** São Paulo: Loyola, 2011.
- MOREIRA, M. A. Mapas Conceituais e a Aprendizagem Significativa. **O Ensino**, Portugal, v. ?, n. 23, p. 87 –95, 1988.
- REALE,G.; ANTISERI,D. **História da Filosofia: do Humanismo à Descartes.** São Paulo: Paulus, 2005.